



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um vídeo gravado pela brasileira Christephany Agostino horas antes da chegada do furacão à Flórida

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ESTADOS UNIDOS

Monstro Milton golpeia a Flórida



Furacão tocou o solo da península do sul do país na noite de ontem, com ventos de até 193km/h, depois de provocar a formação de 19 tornados. Autoridades alertaram que o pior da tempestade ocorreria durante a madrugada. Brasileiras relatam medo

» RODRIGO CRAVEIRO

Com ventos de 193km/h na parede de seu olho — como é chamada a área central —, o furacão Milton chegou à Flórida por volta das 20h30 de ontem (21h30 em Brasília) como uma tempestade de categoria 3 (na escala Saffir-Simpson, que vai até 5). O fenômeno foi precedido pela passagem de 19 tornados, que destruíram casas. Duas semanas depois da passagem do furacão Helene, que matou 235 pessoas no estado, Milton levou medo, provocou inundações e forçou a fuga de dezenas de milhares de moradores. A emissora de televisão WPTV reportou que “várias pessoas morreram” em um clube espanhol no condado de St. Lucie, depois de o local ser atingido por um tornado.

O presidente dos EUA, Joe Biden, advertiu que Milton poderia ser “a pior tempestade em um século”. Ao se aproximar da costa, o fenômeno climático dobrou de tamanho, apesar de ter reduzido a velocidade de deslocamento, caindo de um furacão de categoria 4 para 3. Um drone do Laboratório Meteorológico e Oceanográfico do Atlântico da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional (NOAA) filmou uma onda de 8m de altura a 74km do olho do furacão.

Às 19h50 de ontem (hora de Brasília), um raro alerta de ventos extremos foi emitido para a região de Tampa Bay. A cerca de uma hora do impacto direto de Milton, Sarasota, uma joia do oeste da Flórida, era atingida por ventos de 123km/h. Com 57 mil habitantes, a cidade se debruça sobre uma baía conectada ao Golfo do México. Esperava-se uma elevação de 4,5m na maré. Durante a tarde de terça-feira, os ventos com força de tempestade tropical se espalhavam a até 168km do olho do furacão. Ontem, eles podiam ser sentidos em até 405km do centro. Uma nova tempestade que se formava no Atlântico, batizada de Nadine, era monitorada pelo Centro Nacional de Furacões (NHC) dos Estados Unidos.

Um estudo publicado ontem comprovou que as chuvas e ventos do Helene foram 10% mais intensos devido às mudanças climáticas. A pesquisa advertiu que furacões destrutivos, como o Helene, que ocorriam a cada 130 anos, agora poderão ser registrados a cada 53 anos, em média. Os cientistas atribuem a modificação de frequência aos combustíveis fósseis, que tornaram a formação de furacões intensos 2,5 vezes mais provável na região sul dos EUA. “Todos os aspectos deste fenômeno foram intensificados pela mudança climática”, explicou Ben Clarke, coautor do estudo e pesquisador do Imperial College London. “Veremos mais do mesmo se o planeta continuar aquecendo.” Clarke e colegas se debruçaram na análise das chuvas, dos ventos e das temperaturas da água do Golfo do México, durante a passagem do Helene.

“Assustador”

Bella Pozo, moradora de Tampa e funcionária de um parque de diversões, ainda tentava superar o trauma da passagem do Helene, enquanto enfrentava a chegada de Milton. “É assustador escutar o barulho das chuvas torrenciais e a ventania assobiando contra minha casa. Vejo árvores caindo”, contou ao **Correio**, às 20h20 (hora local). “Estou em uma sala escura, com duas

Bryan R. Smith/AFP



Ondas se quebram ao longo do pier St. Pete, em St. Petersburg: expectativa de inundações catastróficas em áreas costeiras do estado

Anna Moneymaker/Getty Images/AFP



Biden critica Trump por 'avalanche de mentiras'

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, acusou o ex-mandatário e candidato republicano Donald Trump de desencadear uma “avalanche de mentiras” sobre a resposta do governo aos furacões Helene e Milton. “Houve uma promoção imprudente, irresponsável e implacável de desinformação e mentiras descaradas”, disse Biden, enquanto a poderosa tempestade Milton se dirigia à Flórida. Trump “líderou a avalanche de mentiras”, afirmou Biden, acompanhado por Kamala Harris, atual vice-presidente e candidata democrata nas eleições de 5 de novembro. O titular da Casa Branca acrescentou que a desinformação estava “afetando a confiança” no trabalho de resgate e recuperação e que era “prejudicial para aqueles que mais precisam de ajuda”. Trump e os republicanos têm promovido falsas afirmações sobre as tempestades, apontando particularmente para a Agência Federal de Gerenciamento de Emergências (Fema) e acusando falsamente o governo de desviar fundos para migrantes.

pequenas janelas”, acrescentou.

Segundo Bella, a família foi atingida em cheio pelo Helene. “Com as enchentes, perdemos tudo. No intervalo de 10 dias entre Helene e Milton, esvaziamos nossa casa e salvamos objetos de valor, como álbums, documentos e relíquias. Encontramos outra casa para alugar por um ano e, agora, somos atingidos por outro furacão. É devastador o quanto ruim essas tempestades têm se tornado”, desabafou.

Bella tentou se antecipar à nova catástrofe. Estacionou o carro na frente da maior janela da casa, providenciou lanternas e uma churrasqueira a carvão. “Também enchi o tanque do carro e guardei importantes documentos em embalagens plásticas, dentro de uma mochila. Estoquei comida e água em cada garrafa ou recipiente que encontrei”, disse. Ela não descartava passar a noite no

banheiro da casa. “O ambiente não tem janelas, para o caso de o telhado ser sugado. Se alguma janela se quebrar, o teto cairá, com a mudança da pressão do ar”, explicou.

Christephany Agostino, nascida em Minas Gerais, mora em Port Saint Lucie (sudeste). Em 2017, enfrentou outro grande furacão, o Irma. “Milton se superou, por causa de sua densidade, por seu tamanho e força. Enquanto estava no Golfo do México, subi rapidamente da categoria 4 para a 5. Ele se dirigia rumo ao norte e, de repente, virou para o sul, mudou de rota de uma hora para outra”, relatou.

Às 14h40 (15h40 em Brasília), enquanto falava ao **Correio**, Agostino reportava a passagem de um tornado do lado de casa. A brasileira reforçou as janelas de sua casa com protetores de metal e se abasteceu com comida enlatada. “Nós temos um gerador de energia

Joe Raedle/Getty Images/AFP



Em Fort Myers, Robert Haight teve o telhado da casa levado por tornado

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Passei a vida inteira em Tampa. Milton foi a única tempestade da qual tive medo. Não tínhamos um golpe direto em anos desde o furacão Charley, em 2004, mas até isso mudou. Tivemos um encontro próximo com Ian há 2 anos, mas ele se deslocou para Fort Meyers South. Depois de Milton, quero me mudar mais para o interior. As mudanças climáticas e o aquecimento global estão piorando, e os governos não responsabilizam as grandes empresas petrolíferas pela exploração de combustíveis fósseis. Nos dias de verão, o Golfo do México mais se parece com uma jacuzzi de 26 graus Celsius. O aquecimento do mar provoca tempestades mais intensas.”

Bella Pozo, funcionária de um parque de diversões, moradora de Tampa (Flórida)

e colocamos todos os nossos pertences, latas de lixo, enfeites e vasos de plantas para dentro da garagem. A camionete foi estacionada atravessada, para que não haja risco de ela voar.” Após a chegada de Milton, ela relatou um fenômeno curioso. “Neste exato momento, o clima está parado, sem vento. Há 20 minutos, o céu estava lindo, azul e laranja. Mas, é a história: depois da calmaria, vem a tempestade.”

Blecaute

Horas antes de Milton tocar o solo, Ken Graham — diretor do Serviço Nacional de Meteorologia — admitiu à tevê CNN o perigo das inundações. “Eu estou morrendo de medo do aumento do nível da água. Os valores são absolutamente perigosos e letais”, alertou. Por volta das 18h30 (19h30), mais de 500 mil moradores da Flórida

estavam sem energia elétrica. No entanto, a previsão era de que o blecaute atingisse 1 milhão.

Especialista da Corporação Nacional para Pesquisa Atmosférica (em Boulder, Colorado) e professor honorário da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, Kevin Trenberth explicou ao **Correio** que Milton se aproximou do continente como um furacão de categoria 4, antes de cair para 3. “Isso faz com que ele produza enchentes na costa e prováveis inundações. O que o torna diferente é que ele estava se caminhando para Tampa Bay e se aproximando de Orlando, mas parece ter tomado uma direção mais ao sul”, afirmou. “Esperamos chuvas de mais de 280mm, acompanhadas de tornados. O perigo está associado a até que ponto as pessoas estão preparadas para abandonarem as cidades. Na Flórida, normalmente, é cada um por si.”

Três perguntas para

Arquivo pessoal



BERNADETTE WOODS PLACKY, meteorologista-chefe e diretora da ONG Climate Matters

O que faz de Milton um furacão tão diferente e perigoso?

As principais ameaças do furacão Milton são: os ventos destrutivos, o aumento perigoso do nível das águas e as chuvas torrenciais. A tempestade produziu um grande número de tornados realmente poderosos. Milton se destaca pela rapidez com que se intensificou de uma tempestade tropical para um furacão de categoria 5, com ventos de 289 km/h, e pela pressão, que caiu para 897mb — muito baixa, mesmo para furacões intensos.

A senhora acha que veremos temporadas de furacões atípicas neste e nos próximos anos?

Existem muitos fatores que moldam uma temporada de furacões: o status do fenômeno El Niño; padrões de ventos superiores; a quantidade de poeira do Deserto do Saara, que é puxada para as zonas de desenvolvimento de furacões; e água quente. Haverá variações nas futuras temporadas de furacões, devido ao clima natural e às flutuações climáticas. No entanto, até estabilizarmos os nossos níveis de gases com efeito de estufa provenientes da queima de combustíveis fósseis, haverá uma tendência geral para tempestades mais poderosas que se intensificarão mais rapidamente, produzirão mais chuvas torrenciais, maiores tempestades e devastarão mais comunidades.

Existe uma ligação entre o aquecimento global e a destruição provocada pelos furacões?

Mais de 90% do calor adicional — proveniente da queima de carvão, petróleo e gás — que fica preso no nosso sistema terrestre vai para os oceanos. Os furacões obtêm energia da água quente. Assim, com a água a temperaturas recordes, os furacões estão se intensificando mais rapidamente e produzindo tempestades mais intensas e mais chuvas torrenciais. (RC)

A maranhense Sonia Cima vive há 31 anos na Ilha de Coquina Key, bairro de Saint Petersburg (Flórida), na região de Tampa Bay. A irmã Ana Devine mora em Treasure Island, também em Tampa Bay, inundada após o furacão Helene. “O carro dela teve perda total por causa da água, que tomou conta da garagem. Ana perdeu fotografias e lembranças de família. Quando estávamos tentando nos recuperar, veio o Milton”, comentou. Sonia e Ana foram forçadas a se mudar para outro imóvel, no condado de Pinellas, também em Saint Petersburg. “Dos 500 mil moradores, entre 85% e 90% saíram da região. O perigo são as inundações.”

Às 19h38 (em Brasília), Sonia recebeu um alerta pelo celular. “Estou apavorada”, admitiu. A mensagem citava “ventos extremos e imediata ameaça à vida”. “Proteja-se agora dentro de uma construção robusta, longe das janelas. Proteja a cabeça dos escombros voando. Não saia na calma do olho do furacão! Os ventos se tornarão rapidamente perigosos!”, afirmava o texto.